

# Mídia norte-americana não acredita no cumprimento

**Nova Iorque** - A escalada das tensões entre EUA e Iraque desviou a atenção do pacote de US\$ 41,5 bilhões montado pelo Fundo Monetário Internacional para socorrer o Brasil e que inclui US\$ 5 bilhões do fundo que o Departamento do Tesouro pode usar (originalmente destinado a proteger o dólar) sem precisar aprovação do Congresso, controlado pela oposição.

O diretor-gerente do FMI, Michel Camdessus, anunciou pela manhã em Washington a aprovação do pacote para impedir que se estenda à América Latina a perturbação econômica da Ásia e da Rússia. "As autoridades do Brasil e uma equipe do FMI concluíram com sucesso as negociações de um programa trienal vigoroso de reforma econômica e financeira", disse ele.

Como parte do acordo, acrescentou, o Brasil comprometeu-se a reduzir seu déficit orçamentário de US\$ 65 bilhões. No momento do anúncio até a rede CNBC de televisão a cabo, dedicada durante o dia principalmente à cobertura de assuntos econômicos, transmitia ao vivo a entrevista da secretária de Estado Madeleine Albright sobre o agravamento da crise do Iraque.

## Bombardeio

Mais tarde, a CNBC transmitiu ao vivo a entrevista conjunta, na Casa Branca, do secretário do Tesouro Robert Rubin e seu adjunto Lawrence Summers, que foram bombardeados com perguntas céticas dos jornalistas e defenderam o pacote - e a participação americana nele - como a coisa certa a fazer nesse momento, pois o Brasil implementará programa consistente.

Camdessus disse que mais de US\$ 37 bilhões já nos próximos três meses. Como parte do pacote, o FMI contribuirá com US\$ 15 bilhões a US\$ 18 bilhões, o Banco Mundial (BIRD) fornecerá US\$ 4,5 bilhões e o Banco Inter-Americano de Desenvolvimento (BID) mais US\$ 4,5 bilhões.

O total chegará a cerca de US\$ 42 bilhões ao se somar o que EUA, Japão, Canadá e mais 11 países europeus acrescentarão, contando com o plano de austeridade, aumentos de impostos e cortes de gastos do governo Fernando Henrique Cardoso com o objetivo de economizar US\$ 23,5 bilhões a fim de evitar uma desvalorização do real.

**ARGEMIRO FERREIRA**

Correspondente do Jornal de Brasília



## Paralelo com Rússia é rejeitado nos EUA

No caso da Rússia, o FMI tinha montado em agosto um "rede de segurança" no valor de US\$ 23 bilhões - suspensão depois que o governo de Moscou decidiu desvalorizar o rublo e não pagar sua dívida. Nas perguntas da imprensa ao secretário Rubin, na Casa Branca, os paralelos com o caso russo reapareceram com insistência - e foram rejeitados prontamente.

Tanto Rubin como o secretário adjunto Summers disseram que a situação é muito diferente da russa. Rubin lembrou que o Brasil conseguira dominar inflação gigantesca aplicando um programa consistente - e que agora está comprometido a executar rigoroso plano de austeridade. "Não se pode comparar, é uma situação bem distinta", observou.

Jornalistas mais céticos - entre eles Sam Donaldson, correspondente implacável da rede ABC no questionamento do presidente Bill Clinton sobre o escândalo de sexo - também insistiram em saber se as autoridades do Tesouro tinham conversado com o Congresso. Rubin disse que nos dois últimos dias houve várias conversas com "certo número" de parlamentares.

## Importância

O secretário do Tesouro sugeriu que durante um ano e meio membros do Congresso têm acompanhado com atenção a crise econômica internacional, estando conscientes da importância de medidas como o atual pacote de socorro ao Brasil. Antes o "Times" observara que eles estão preocupados o suficiente com os efeitos potenciais de um colapso econômico brasileiro.

Além disso, aquele que poderia ser agora o principal político opositor na contestação à política de socorro à América Latina - o senador Alfonse D'Amato, presidente da comissão de Bancos e crítico do pacote do México - foi derrotado no início do mês em Nova York pelo desafiante democrata Charles (-Chuck) Schumer, alado fiel da administração Clinton. (A.F.)